

AS RUÍNAS NA POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVII UMA ANTOLOGIA BREVE

*Para o Jorge e para o Joaquim: antes de mais - como sempre - os poemas,
e depois - muito depois - o comentário.*

1

Sextina

Que se fez de Cartago? Escassamente
Mostra sinal de seu destroço a praia.
Em fim, morrem cidades, morrem reinos,
Cobre o fausto e a pompa area e erva,
E nós, inda soberbos, vendo claro
Que tudo gasta e leva o tempo esquivo.

Porém, por mais que se descobre esquivo,
Amostrando que a vida escassamente
Pode ver cousa que não leve em claro,
Não deixamos do mundo a cega praia,
Não vendo tornados em area e erva
Mil edificios de bravosos Reinos.

Se ricas torres, se galhardos Reinos
Não poderam gastar do tempo esquivo
A viva força, e venenosa erva,
Que será dos mortais, que escassamente
Tocam da vida a lagrimosa praia,
Quando já a morte os arrebatava em claro?

Oh como vemos descoberto e claro
Esta verdade, que por vários reinos
Houvera de correr de praia em praia,
Mas ninguém quer o desengano esquivo!
Todos lhe fogem; inda escassamente
Nace, quando se arranca e corta em erva.

Ditoso aquele que em nacendo a erva,
Que tolhe o fruto d'alma, logo claro
A vê, e corta, e deixa escassamente
O rasto dela, e por triunfo ou Reinos
Não quebranta o que deve, e pisa esquivo
Quanto recolhe a mais ditosa praia.

Nem grata selva, nem fermosa praia,
Nem linda flor, nem estimada erva
Se poderá livrar do tempo esquivo.
Tudo nos levará de claro em claro;
Inda de grandes e soberbos Reinos
Nos deixará a notícia escassamente.

Em fim, vidas e Reinos dão na praia
Da certa morte; escassamente a erva
Nace, e já claro a leva o tempo esquivo.

Duarte Dias, *Varias obras em lingoa Portuguesa, e Castelhana*, Madrid, Luis Sánchez, 1592, 68r-68v (ed. de António Cirurgião, Paris, 1991, 227-228).

2

Tróia destruída

A flebiles cenizas reducida,
La cabeza del Asia, respetada,
Aunque fué por las armas desdichada,
Quedó por las desdichas conocida.

Por las llamas del odio consumida,
Fenix fue por el fuego eternisada,
Y la gloria al agravio vinculada,
Celebrada quedó por ofendida.

En láminas de eternos pedernales
Sus desdichas los hados escribieron,
Con rubricas de llamas inmortales.

Comum alivio, que a los males dieron,
Que fuesen conocidos por los males,
Los que por las venturas no lo fueron.

Paulo Gonçalves de Andrada, *Varias Poesias offerecidas a Francisco de Faria Severim, Chantre na See d'Evora*, etc..Em Coimbra, Na officina de Manoel Dias Impressor da Universidade, anno 1658, 30v (1º ed. 1629).

3

Ruina de sumptuoso edificio

Este, que a las edades obediente,
Cadaver prodigioso,
Em trozos a la tierra desparcido,
Sino en cenizas desatado al viento,
Logra en la tierra formidable asiento,
Donde piedosamente recebido
Con trato, bien que pobre, generoso,
Firme, sino decente,
Entre la amiga hierba,
Eternisado tumulo conserba,
A sua perdidas glorias y delicias,
Cortesés, aunque bárbaras, caricias.
Y las tenaces yedras,
Vestiendo nobles, y abrazando graves,
A las desnudas y estrañeras piedras,
Con alagos suaves,
Resignados en rústicos abrazos,
Señas, sino de amor, de cortesia,
Repite cada día.
A su desdicha indisolubles lazos,
A grandezas que yacen por el suelo
Sino arrimo, consuelo,
Cobrando en qualquier suerte,
Temor la vida, adulación la muerte.

Este, que conocerse deja a penas,
Y en si mismo escondido,
No se halla a si, dentro de si perdido.
Un tiempo, de si mismo remontado
Se vió de sus principios olvidado,
Alto edificio fue, cuyas almenas,
Con osados sacrílegos alientos,
En fé de sus cimientos,
Se fueron coronar a las estrellas
De lucidas centellas.
Sino fue que arrogante
De cada almena fabricó un Gigante,
Que desmentidos hijos de la tierra,
Dieron sobre sus ombros
Al mundo todo asombros,
Leyes al aire, y a los cielos guerra.
El viento a su grandeza respetoso,
Registraba su aliento,
Y soberbio señor de todo el viento,
No se atrevía el viento a su reposo,
Y a tanto se excedía,
Que elevado y constante,
No sé si fulminando, o fulminante,
Sin alterar al imperial sosiego,
En el horrendo ensayo
Soberbio parecia
Que superando el fuego,
Mandaba el fuego y fulminaba el rayo.
Agora en pobre estado
De si mismo se mira derribado
Y en mortal paracismo
Vino a caer en si, desde si mismo,
Siendo el proprio edificio
Precipitado a un tiempo, y precipicio.
Magnifico aparato le prestaron
Marmoles griegos, pórfidos latinos,
Primor de sus primores perigrinos
Los Latinos y Griegos embidieron,
Que en cada adorno, en término sucinto.

Se incluyó Roma, se perdió Corinto,
Viendo sus perficiones
Las embidías quedaron confusiones.
La proporción austera y regulada,
Que la paciencia, entonces diligente,
Al modelo reparte,
Alma infunde a la ciencia y ciencia al arte.
Y el arte a sua designios aplicada
Era prolixa ya de concertada,
Y las colunas ricamente hermosas,
Cansadas ya de puro artificiosas,
Ya de puro cansadas, abatidas
Al poder de los años,
Que a sus manos vencidas
No resistieron los postreros daños.
Tierno vidrio a sus brazos
Hizo la edad los marmoles pedazos,
Que en trágicos fragmentos divididos,
Seran eternamente exemplo mudo
De lo que el tiempo pudo,
Donde por su desdicha conocidos,
Carateres seran despedazados,
Que dediquen su historia
A la inmortal memoria.
Oh vos, dos veces bienaventurados,
Frisos, cornisas, pórticos, colunas,
Cuando abatidos, cuando levantados,
Único exemplo de las dos fortunas.
Glorioso objecto de comunes ojos
Fuistes edades largas,
Cuya hermosura entonces elegante,
Rémora fué del perigrino errante,
Adonde a su cuidado, a su camino,
Dos alivios hallaba el perigrino.
Agora, a tantas lástimas atento,
Em memorias amargas,
En flebiles despojos,
Halla el entendimiento
Escuela adonde aprende el escarmiento.

Felice, oh Edificio,
A los descuidos te formó la ciencia,
Mas harto más felice a la prudencia,
Al desharcerte te hizo el precipicio,
Felice te imagina.
Aun más que al nacimiento, a la ruina.
Que en ella construido,
Fenix de tus reliquias renacido,
Para inmortal exemplo,
De tus reliquias considero un templo,
Adonde respetado y conocido
El sacro desengaño
Canonise sus créditos tu daño.

Paulo Gonçalves de Andrada, *Varias Poesias offerecidas a Francisco de Faria Severim*, Chantre na See d'Evora, etc..Em Coimbra, Na officina de Manoel Dias Impressor da Universidade, anno 1658, 30v (1º ed. 1629).

3

Este cadáver, que aqui vês rendido
No mausoleo do tempo sepultado
Enfermou de grandeza com que obrado
Foi por oitava maravilha conhecido.

Como foi na grandeza desmidido
Houve de ser nas quedas ajustado,
A variedade que o fez tão remontado,
O destina também pera caído.

Porém, ainda nas cinzas alentado
Se conserva a grandeza por memória
Desque foi neste sítio fabricado.

Novo achaque lhe temo, pos notória
Crisis foi sempre pera desgraçado
Ter a grandeza vinculada à glória.

Francisco de Vasconcelos, B.P. Braga, ms. 373 fl. 114.

5

Aos Paços Reais de Almeirim

Vestígios para magoas conservado,
Torres, que levantadas sois ruínas,
Se deixastes cair as vossas quinas,
Para que são castelos levantados?

De conservar os donos celebrados
Fostes, ò torres, pouco tempo dinas,
E em baixas sortes sois adamantinas,
Para nos conservardes magoados.

Fostes a passatempos dedicadas,
Passou por vós o tempo da alegria,
Fizestes vosso officio em nosso dano.

Venceis o tempo, enfim, à porfia,
Para que em monarquias sepultadas
De letreiro sirvais ao desengano.

Nuno de Mendonça (1º conde de Vale de Reis) in *Fenix Renascida, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes*, I, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1716, 112 (onde vem atribuído a Barbosa Bacelar).

6

A uma caveira

Destroçado baixel da vida humana,
Eloquente padrão de uma ruína.
De lastimoso horror pálida mina,
Arrastado troféu de pompa ufana,

Desse caos que habitas por choupana,
Dessa que ocupas urna peregrina,
Me dize quem és, que desatina
A vista no horror que te profana.

- Sou de um grande, de um vil, de um rei procedo -
Mais retórico então quanto mais mudo
Responde aquele assombro obscuro e quedo,

Pois o grande, o vil, o rei é tudo,
Debaixo deste sólido penedo,
Tudo igual, tudo o mesmo e cinza tudo.

António da Fonseca Soares [Fr. António das Chagas, O.F.M.] in Maria Lúcia Gonçalves Pires, *Poetas do período barroco*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1985, 252).

7

À morte do Sereníssimo Príncipe D. Teodósio

Ignorada razão, fatal mistério,
Que de um golpe acabasse a Parca impia
Este que foi da lusa monarquia
Astro e cometa do domínio ibérico.

Deste que enche consigo este hemisfério
Túmulo é hoje pouca terra fria:
Acaba assim quem mal em si cabia
Por ser-lhe estreito o mais augusto império.

Acabou ensinando na altiveza
Do que foi que acabou, porque declina
Todo o ser que os fins toca da grandeza.

Pois se o ser grande a estragos se destina,
Que tronos busca a humana natureza,
Se é da grandeza achaque uma ruína?

António da Fonseca Soares [Fr. António das Chagas, O.F.M.] in *Fénix Renascida...*, II, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1717, 31 (Leitura de Maria Lúcia Gonçalves Pires, *Poetas do período barroco...*, 243).

8

**Ao Senhor Joane Mendes de Vasconcelos, Tenente General,
rendendo a praça de Mourão**

Esse muro em ruínas desatado
Que hoje se prosta a vossos pés rendido,
De haver a injusto império obedecido
Se rebelde pecou, jaz castigado.

Mas tanto de seu dano acreditado
Por se ver dessa espada combatido,
Que das mesmas ruínas presumido
Quase recusa o ver-se reparado.

Com ambição de eterno luzimento
No mesmo estrago a tão famosa história
Templo vos funda e clama em línguas cento,

Porque dessa ruína à vossa glória
Cada boca vozeia um rendimento,
Cada pedra edifica uma memória.

António da Fonseca Soares [Fr. António das Chagas, O.F.M.] in *Fénix Renascida...*,
II, Lisboa, José Lopes Ferreira, 1717, 28 (Leitura de Maria Lucília Gonçalves
Pires, *Poetas do período barroco...*, 235).

9

Ruínas

Edificio del tiempo destruído,
Sin duda que la suerte hemos trocado,
Vos de un triste caer eternizado,
Yo de un loco subir desvanecido.

Vos dese mismo horror de haber caído
El no poder caer habéis sacado,
Yo siempre en mis temores despeñado
Juzgo mi mal el bien de haber subido.

Oh novedades de mi amor perjuras!
Que me enseñan estragos vuestras dichas
Cuando mis glorias se hacen desventuras.

Porque más sienta en las fortunas dichas
Ver de un mal, que senti, tantas venturas,
Llorar de un bien, que amé, tantas desdichas.

António da Fonseca Soares [[Fr. António das Chagas, O.F.M.] in *Fénix renascida...*,
V, Lisboa, Antonio Pedroso Galvão, 1728, 113

10

Soneto

Estas ruinas donde el alma, oh Licio,
Llora las que mis penas afiguran,
Para el nombre inmortal que le procuran
En su estrago fabrican su edificio.

Mientras fué su soberbia ufano indicio
De su altivez, temieron lo que apuran,
Y hoy tanto en sus ruinas se aseguran
Que parece ambición su precipicio.

Porque a los ojos fuesen sus tristezas
De más espanto y de memorias dignas,
Cayeron entre aquellas asperezas.

Si, pues, Licio, a discursos te destinas,
Que habemos de estrañar en las grandezas
Si hallamos vanidad en las ruinas?

António da Fonseca Soares [Fr. António das Chagas, O.F.M.] in *Fénix renascida...*,
V, Lisboa, Antonio Pedroso Galvão, 1728, 114.

11

A las ruínas de un edificio

Éste que de si mismo despeñado
Ludibrio de la edad, burla del viento,
Toscas reliquias de un fatal portento,
Cadáver bruto de un gigante osado,

Poder del tiempo, crédito del hado,
Ejemplo mudo de atrevido intento,
Escuela fatal del escarmiento,
Del desengaño templo acreditado,

Terror fue de la esfera cristalina
Que escalar sus estrellas intentaba,
De sus bajos principios no advertido:

Justo terror fue, venganza dina,
Si lo que había sido no miraba,
Que mire ahora humilde lo que ha sido.

António Barbosa Bacelar, B.N. L., Cod. 10 894, fl., 170 (Leitura de Maria Lucília Gonçalves Pires, *Poetas do período barroco*, ed. cit., 138).

12

Ruínas de un edificio

Este, oh Licio, que has visto sobre el viento
Y de la tierra hoy ves mediendo el llano,
Ya silla del monarca lusitano,
Ya cátedra moral de escarmiento.

Como copia antes fue de un alto intento,
Miedo es agora del discurso humano
El bronce, el marmol se asegura en vano
Contra el menos fatal acabamiento.

Para admirar prestaronle distinto
Quanto valor gozaron las edades
En Roma, Atenas, Menfis y Corinto.

Para desengañar las soledades
En cada piedra, en término sucinto,
Un fin, una memoria, unas verdades.

Francisco Manuel de Melo, *Harpa de Melpomene* (Soneto XIII) in *Obras Métricas*,
Lyon, 1665, 7

14
De la mudanza

Celia, si el cielo con benino exceso
Sus privilegios guarda al alvedrio,
Que pretende la suerte al amor mio
Mudarle por las manos de un suceso?

La máquina cayó, mas no por eso
Del valor de las piedras desconfío,
Si en las mismas ruínas del desvio
vive tu nombre inmortalmente impreso.

Postrado sí, que no desesperado,
Está el valor, más antes diligente,
Se anima a la experiencia confiado.

Dure agora el enojo eternamente,
Que eso tiene de ilustre el triste estado:
No temer nada, porque todo siente.

Francisco Manuel de Melo, *Harpa de Melpomene* (Soneto LXXVII) in *Obras Métricas*,
Lyon, 1665, 39.

14

Ao escarmento de Tróia

Esta do mundo maravilha, em tanto
Que firme ao Firmamento competia,
Cujas de pedras pródiga ousadia
Meta do assombro foi, termo do encanto,

Tanto d'enveja ao mundo lhe der quanto
De lástima lhe dá, e se algum dia
Das envejas as lágrimas pedia,
Hoje pede das lástimas pranto.

Sempre, ò Tróia, es felice , pois acabas
Com tão altos penhores de famosa,
Que mais segura estás que antes estavas,

Porque em ambas fortunas venturosa,
Se antes nem de ti mesma te fiavas
Agora nem do tempo es temerosa.

Francisco Manuel de Melo, *A Tuba de Calíope* (Soneto XLII) in *Obras Métricas*,
Lyon, 1665, 22.

15

**Redículo vexame a alguns Sogeitos da Academia, dando-
se ao autor por assunto as Ruínas de um castelo**

Quatro a um, não vai de valha,
pois Vossa Mercê, pois tu,
pois vós, pois elle, bem sabem
que lhe fazem três a um
Vá com tudo o jogo,
que eu nunca temi, truz, truz,
porque para mi é graça
toda a graça do Temú.
Os compadres não se riam,

que eu não me rendo a nenhum,
salva paz de meu compadre,
Dom António Álvres da Cun.
Pois contra as Musas de Goa,
faço da pena bambum
sem que me escape poeta
nas entranhas de Chaúl.
E, vós, meu Fernão das contas,
também zombáis de mi, hui,
cuidando eu que tinha em vós
um amigo do Sagum,
Pois o fulano de Agosto,
grão provedor do Peru
que em Lisboa é de Suécia,
mor suor ou monsiur.
Também me tira pedradas,
tão picado e tão taful,
que estou para me vingar,
sim, estou por esta cruz.
Porém, já que o desafio,
posto que não foi tão cru,
vai como quem vai aos touros
dizendo sempre u, u, u.
Deixai que arranque ò soneto
que como espada reluz,
farei fataxas não feitas
desde Cascais à Pegú.
Mas vamos nós e venhamos,
valha-nos o Berzabu,
não houve cá para mim
outro sugeito? outro assump
To me faltou por sobejo.
Mas que importa se aqui o pus,
passe o romance adiante,
que dizia eu, ora, um!
Alembre-nos Deus em trova:
ora dissei como algum
de vosoutros não temeu
de me lançar tal capuz,

Porque hum preso num Castelo
mandar-lhe agora: Ora sus,
faze-lhe a um castelo uns versos
e deita-lhe mil debruns,
É como em câz de enforcado
falar-lhe em baração nú;
que inda que seja entre amigos,
é falar muito furtum.
Se há dez anos que amarrado,
qual forçado de Dragur,
ando a torres como a cepos
os bugios de Tolú.
Que quereis vós que lhe diga
a este castelo marfus?
Se não que em cair fez mal,
se caiu sem dizer: bum!

Francisco Manuel de Melo, *A Viola de Talia* (romance XXVIII) in *Obras Métricas*,
Lyon, 1665, 214-215.

16

**A uma dama que trazia por empresa um castelo derribado
com esta letra: “Los riesgos de lo seguro”.**

Si sellas con tu suerte o con mi miedo,
Cloris, caya el castillo o tiemble el muro?
Que, pues, solo se arriesga lo seguro,
Si seguro no estoy, seguro quedo.

Tu pródigo desden ababar puedo
Hoy contra mi, tan blandamente duro
Que del mal desviándome futuro
El peligro me muestras con el dedo.

Mas, ay!, que ese peligro es más airado.
Ni subir ni caer, porque un perdido,
Claro está, que primero fue ganado.

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO

O concédeme, Cloris, por partido,
Ser una hora a tus hojos levantado
Y ser mil veces a tus pies caído.

Francisco Manuel de Melo, *La lira de Clio* (Soneto XXVIII) in *Obras Métricas*,
Lyon, 1665, 14.

Seleccção e organizaçãõ de

José Adriano de Freitas Carvalho